

SIMPÓSIO AT102

SUJEITO E CIDADE: MODOS DE LEITURA E DE INTERPRETAÇÃO

MOTTA, Ana Luiza Artiaga R.
UNEMAT
analuzart@unemat.br

Resumo: Este trabalho parte do projeto de pesquisa sobre “Cidade e sentido: uma questão de leitura e ensino” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso/FAPEMAT. Para tanto, este estudo tem como objetivo compreender o modo de funcionamento da língua, a linguagem, a partir de textos escritos e de imagens dispersos no espaço urbano. De modo que, filiamos a teoria da Análise de Discurso francesa de M. Pêcheux e E. Orlandi, no Brasil, e demais colaboradores como um modo de compreender a língua, base dos processos discursivos. Metodologicamente, tomamos como *corpus*, o texto exposto em outdoor, na cidade de Cuiabá-MT, que diz sobre o discurso ambiental. O texto, no trânsito urbano, espreita em distinta condição de produção, sentidos a diferentes interlocutores. Nessa direção, apresentamos resultados parciais, da pesquisa em andamento, em que discutimos pelo discurso a cidade enquanto sentido, a linguagem, e o efeito de transparência do texto. Questiona-se: Como o texto exposto, em vias públicas, interpela sentidos, a prática de leitura e de ensino a diferentes posições-sujeito em sua relação com o mundo?

Palavras-chave: Cidade; Sujeito; Discurso; leitura; Ambiente

SUBJECT AND CITY: MODES OF READING AND INTERPRETATION

Abstract: This work is part of the research project on "City and meaning: a question of reading and teaching" approved by the Foundation for Research Support of the State of Mato Grosso / FAPEMAT. To do so, this study aims to understand the way language works, language, from written texts and scattered images in urban space. Thus, we have affiliated the theory of French Discourse Analysis of M. Pêcheux and E. Orlandi in

Brazil, and other collaborators as a way of understanding language, the basis of discursive processes. Methodologically, we took as corpus, the text exposed in outdoor, in the city of Cuiabá-MT, which says about environmental discourse. The text, in the urban transit, lurks in different production conditions, senses to different interlocutors. In this direction, we present partial results, from the research in progress, in which we discuss by discourse the city as meaning, the language, and the transparency effect of the text. It is questioned: How does the exposed text, in public ways, interpela senses, the practice of reading and teaching to different subject-positions in their relationship with the world?

Keywords: City; Subject; Reading; Speech; Environment

Introdução

Neste trabalho, a nossa questão incide em construir uma reflexão teórica, sobre a língua, base dos processos discursivos, a partir do texto verbal e de imagem exposto no espaço público da cidade de Cuiabá-MT. Interessa nos compreender no fluxo *citadino*, como o texto se dá a ler e convoca diferentes interlocutores na transitividade do cotidiano a pensar a relação entre sujeito x ambiente, em específico, neste caso, sobre a preservação da água e da não queimada.

A cidade, por distintas vias, se mostra pela engenhosidade com seus artefatos, linguagens, modos de organização e de projeção imaginária pela regularidade jurídica. Do ponto de vista teórico da Análise de Discurso, interessa compreender a ordem, a dimensão do simbólico, que significa a cidade pelo sentido. De modo que a linguagem, o simbólico, sustenta a dimensão do sujeito em relação ao espaço, o mundo.

1. Cidade e sentido

A cidade é compreendida “como um espaço simbólico diferenciado que tem sua materialidade e que produz a sua significância.” (ORLANDI, 1999, p.08). Isto é, a cidade tem a forma, textualidade, suscetível à interpretação do

que constitui a urbanidade. E, é, na confluência do urbano que o simbólico e o político se tocam, confrontam e configuram, pela linguagem, sentidos à cidade.

O espaço citadino é heteróclito, com diferentes linguagens, formas, letras, traços, riscos, cores, imagem, ruídos. De modo que pelo simbólico, a cidade, se torna espaço de leitura e de interpretação a diferentes posições-sujeito.

Na dimensão da cidade, há, todavia, uma regularidade jurídica que media a relação do sujeito com o espaço citadino. “A ordem deve ficar estabelecida antes que a cidade exista, para impedir assim toda futura *desordem* [...]” (RAMA, 1985, p.28). Entre a organização e a ordem nos deteremos à ordem, o domínio do simbólico, “(a sistematicidade sujeita a equívoco), na relação com o real, enquanto a organização refere ao empírico e ao imaginário (o arranjo das unidades)”. (ORLANDI, 1999, p.08).

Assim, é no domínio do simbólico da materialidade discursiva que pensamos discutir o processo de significação e de projeção imaginária. Segundo Pêcheux (1995) as formações imaginárias é parte de todo processo discursivo, das relações de sentido e que convém observar, pelo discurso, as condições de produção, as posições ideológicas.

Nesse sentido, entende-se que o discurso produz efeitos de sentido. De modo que tomar a cidade, como discurso, significa pensar nas relações de sentido uma vez que, a cidade, tem seu corpo significado e se significa na ambivalência de distintas linguagens: sujeito, corpo, escritos, grafite, pichação, ruas, outdoors, arquitetura, rios, imagens visuais que direcionam e recortam o espaço citadino. Em outras palavras, a cidade se sustenta pela linguagem que habita, pelo político, a historicidade que a constitui.

O *corpus* em que nos debruçamos, neste estudo, refere-se a outdoors expostos em vias públicas na cidade de Cuiabá-MT, em 2016, que tem como temática o discurso da preservação do ambiente - a água e a não queimada. É salutar dizer que a capital do Estado de Mato Grosso, localizada envolto as belezas de rios e lagos, dentre estes o rio Cuiabá. Tem em seu percurso sócio

histórico uma mobilidade de sentidos que converge sobre a questão ambiental desde a sua fundação em 1719. Registra-se o ouro, a fauna e a flora como pontos incisivos aos colonizadores.

Nessa direção, a posição geográfica inscreve a cidade, no contemporâneo, dentro de uma ordem discursiva ecológica planetária de preservação ambiental tendo em vista a confluência de fauna e flora que mediatiza a cidade com o Pantanal de Mato Grosso. De modo que o texto de cunho publicitário, informativo, no trânsito da cidade nos permite indagar sobre o modo como se dá a ler. Como também a questionar o modo como individua o sujeito e o flagra, pela formulação, a produzir sentido.

O sentido é uma questão cara ao analista de discurso pelo modo como questiona a materialidade discursiva. A Análise de Discurso enquanto dispositivo teórico tenta produzir uma reflexão, pelas análises, sobre o modo como o discurso produz sentido não atendo a quem diz.

Os fatos de sentido da ordem do discurso não são remissíveis ao discurso de um sujeito, nem mesmo aos de vários conjuntos para fazer uma espécie de “sujeito médio”, mas a “formações discursivas” que não tem realidade no nível do indivíduo, senão pelo fato de que elas determinam as posições que pode e deve ocupar todo indivíduo, para ser o sujeito de uma enunciação provida de sentido. (HENRY, p.162).

De modo que não se remete o fato de sentido, do discurso, a um sujeito x ou y, mas procura-se compreender as formações discursivas que constitui a materialidade simbólica e que determinam as posições do sujeito. Assim, o texto verbal e de imagem, exposto em outdoor, no espaço da cidade, refere-se à preservação ambiental em Mato Grosso.

Nessa direção, no texto do outdoor há um conjunto de instituições que o assinam, como o porta-voz, aquele que diz, que alerta, na transitividade da urbanidade a diferentes posições de sujeito-leitor. Nesse limiar, o que nos move é compreender a língua e seu funcionamento, os fios discursivos que engendram o discurso ecológico no espaço da cidade. A questão incide em compreender pelo discurso, a delinearização do texto verbal e de imagem.

Imagens



Figura 1: Foto retirada na Av. Rubens de Mendonça, Cuiabá-MT, 2016. Arquivo pessoal.

O texto verbal e de imagem exposto em outdoor (fig.01) em vias públicas, de grande fluxo, significa investir em “um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinidos das interpretações.” (PÊCHEUX, 1990, p.51). Ainda, em Pêcheux, compreende-se que sujeito e sentido se constituem simultaneamente e que o sujeito se constitui na/pela interpretação.

No texto de outdoor imagem e escrita de forma distintiva, cada qual com a sua materialidade, produz gestos de interpretação. Evoca a memória discursiva (o interdiscurso). Na diferença entre a formulação visual e a imagem, observou-se conforme Lagazzi (2015, p.183) que “a formulação visual na relação com o intradiscorso e a imagem na relação com o interdiscurso” produz a significação. Assim, na textura discursiva do que se observa no outdoor (fig.01) movimentam sentidos da relação do sujeito com o ambiente, modos de significação, de individuação pela regularidade jurídica.

No contemporâneo, o discurso ecológico de proteção ambiental tornou-se a pedra de toque que mundializa as relações entre nações, encontros nacionais e internacionais como algo que entrecruza fronteiras. Ou seja, as

ações do sujeito com o seu espaço não são isoladas, mundializam as relações entre os países. Todavia, há diferenças, políticas e sociais entre as nações. De modo que o conceito, o sentido do termo preservação, sustentabilidade tem a ver com as distintas formações discursivas, com as condições de produção em que o discurso é produzido.

Assim, os textos em outdoors funcionam em relação parafrástica, no modo como se repetem. Pela imagem e formulação observa-se o trajeto de memória discursiva, o processo de individuação do sujeito. Pela língua, o jogo, incisivo em que se diz – “ÁGUA É VIDA NÃO SEJA RESPONSÁVEL PELA ÚLTIMA GOTA”. “NÃO SEJA RESPONSÁVEL POR UM FUTURO EM CINZAS”. Ou seja, entre isto e ou aquilo, o sujeito é interpelado a não ser o responsável pela depreciação do ambiente. “Água é vida” – Você – “não seja responsável pela última gota”. Pela imagem o efeito da falta da água. O sujeito com o rosto trincado tal como, o solo, pela seca que racha a terra. Em outro outdoor, pelo texto, o efeito da queimada, as cinzas. Entre uma formulação e outra o sujeito é flagrado como o responsável, embora se diga para não o ser.

No conjunto dos textos verbal e visual a imagem do homem e da mulher, o rosto marcado pelos efeitos da degradação ambiental “faz movimentar pelo discurso de distintas materialidades o alerta para a extinção das espécies [...] próprios do Pantanal” (MOTTA, 2016, p.214), sobretudo, a água, considerada bem finito. De outro lado, o fogo que reduz a cinzas. Como acabamos de ver são dois elementos, situação de discurso. Nas condições de produção do discurso “Não seja – você – o responsável” pelo que falta.

Pelo discurso, o texto (fig.01), a seca, o fogo, marca, toca o corpo do sujeito, faz intervir, ideologicamente, o discurso ecológico modos de individuação do sujeito em relação ao seu habitat em uma política global. Com efeito, tem-se a historicidade, de fauna e flora que movimenta sentidos ao Estado de Mato Grosso, circunscrito pela Constituição Federal do Brasil de 1988, Art. 225 “como Patrimônio Nacional”.

De modo que sujeito e espaço ambiental se imbricam, se tocam pelo simbólico, pelo jurídico, pela contradição o real da língua e o real da história.

Em suma, não se lê sem que se intervenha a história, a exterioridade, no gesto de interpretação.

O gesto de interpretação, fora da história, não é formulação (é rearranjo). Isto não quer dizer que não haja produção de autoria. Há. Mas de outra qualidade, de outra natureza. Porque a natureza da materialidade da memória é outra. E, como sabemos, em discurso, distintas materialidades sempre determinam diferenças nos processos de significação. (ORLANDI, 1996, p.17).

A interpretação. O sujeito é sujeito da interpretação (ORLANDI, 1996) e como tal é sujeito a produzir sentidos na/pela densidade semântica do discurso, do texto exposto às práticas de leitura. Assim, não reduzimos a leitura sobredeterminando o verbal em relação a imagem, o não verbal. Procura-se, tal como diz a teoria da Análise de Discurso compreender o sentido em relação a, desnudando a opacidade, a linearidade à materialidade discursiva, as diferenças.

Nesta perspectiva é interessante precisar, entender que o texto exposto à cidade tem um cunho outro, que o torna distintivo de um texto exposto no livro, na rede social, pelas condições de produção. A rua, o fluxo, o movimento, o trânsito do sujeito e de sentidos. Esse modo de se inscrever, de se espreitar na transitividade *citadina* é um modo de intervir no real da cidade, do sujeito e que reverbera práticas de leitura, de ensino de língua sobre o que a cidade, a nação produz e se significa nas vias da cidade.

Referências

HENRY, Paul. Apêndice: Sentido, Sujeito, Origem. In: Orlandi, Eni. P. (Org.). **Discurso Fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, São Paulo: 1993. p. 151- 162.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: Flores, Giovanna G. Benedetto. et al. (Org.). **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia. V.1. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015. p.177 – 189.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga R. A ambiência do discurso ecológico no poder local. In: Nunes Silvia Regina. et al (Org.). **Sujeito e memória: lugares constitutivos**. Campinas, SP: Pontes, 2016. p.207 – 222.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1996.

_____. No limiar da cidade. In: Revista **Rua: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP** – NUDECRI. Campinas, São Paulo. Número especial, julho 1999. p. 07 – 19.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, São Paulo, Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad.) Eni P.Orlandi. 2. ed. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1995.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Tradução: Mario Vargas Llosa. São Paulo, Brasiliense, 1985.